

EXAME NACIONAL DO ENSINO SECUNDÁRIO

12.º Ano de Escolaridade (Decreto-Lei n.º 286/89, de 29 de Agosto)
Cursos Gerais — Agrupamentos 3 e 4

Duração da prova: 120 minutos
1998

2.ª FASE

PROVA ESCRITA DE FILOSOFIA

Antes de iniciar o seu exame, leia atentamente a folha de instruções e de cotações, em anexo.

GRUPO I

TEXTO

«A vida é risco e a filosofia também.

Risco de errar, de deambular perdida à procura de um lugar onde possa estar, é risco de voltar de mãos vazias como se a sua identidade própria se esvaziasse de repente.

É risco de ficar no avesso das coisas, no reverso das gentes, no outro lado de lá.

É risco de esperar, desesperadamente, de andar às voltas não saindo do mesmo lugar, é risco de compromissos enredados, de apostas fascinantes, de tentações sem futuro.

A filosofia que se compromete, que afronta a neutralidade oficial das etiquetas exibidas pela respeitabilidade institucional, terá de assumir-se como risco.

Mas risco que não seja à partida inútil ou ineficaz. Risco que lhe dê um sentido actuante, um destino de luta, um projecto axiológico. Risco que penetre na raiz das coisas e das gentes, procurando o ponto de partida da nossa aculturação plasmada no quotidiano que todos os dias vamos vivendo. Descobrir a raiz, interpretá-la sem receio das ortodoxias circulantes, descobrir-lhe a significância ou a insignificância, desvendamento do solo que pisamos, do ar que respiramos, do mundo em que vivemos.

Mas uma filosofia que se assume como risco terá de arriscar-se a ser "uma" filosofia e não a filosofia.

"Uma" filosofia que será uma totalização entre várias, sem a pretensão da exclusividade da Verdade, sem o monopólio de uma "universalidade" absolutamente única.

Uma filosofia assim, arrisca-se à polémica com um arsenal provisório, com erros prováveis e verdades ainda por encontrar.

Uma filosofia que se assume como risco não se deixa confundir com a Razão, não exhibe a máscara da invulnerabilidade, do acabado de uma vez para sempre, da sistematização fechada. Uma filosofia desta índole compromete-se no diálogo com outras filosofias, permanece na pluralidade de outras totalizações possíveis, permanece aberta à mudança, à rectificação necessária, ao ponto de vista do "outro", à perspectivação diversificada.

Uma filosofia que se assume como risco arrisca-se mesmo à pluralidade sem medo de perder, porque perder, neste caso, é quase sempre ganhar.

A infalibilidade não é, de facto, característica consentânea com a precariedade decorrente da condição humana.»

Maria Carmelita HOMEM DE SOUSA, *As Ilusões da Razão*, Porto, Brasília Editora, 1986, pp. 170-171.

QUESTÃO

Caracterize, com base no texto, a filosofia que se assume como risco.

Na sua resposta deverá:

– utilizar aproximadamente 20 linhas (cerca de 160 palavras).

GRUPO II

A questão que se segue remete para as obras de que se transcrevem alguns excertos. Selecciona apenas um dos textos transcritos e responde à questão que lhe é colocada.

QUESTÃO

Explique de que modo é tratada, na respectiva obra, a temática implícita no texto que seleccionou.

Na sua resposta deverá:

- identificar o **texto** sobre o qual vai incidir a sua resposta, referindo o **título** e o **autor** da obra;
- utilizar aproximadamente 50 linhas (cerca de 400 palavras).

TEXTOS

DA NATUREZA, Parménides

«Vamos! Dir-te-ei – e tu conserva as palavras que me ouvires – os únicos caminhos da investigação em que deve pensar-se: um deles é o *que é*, e o *que não é* não existe – é o caminho da persuasão, companheira da Verdade, o outro, o *que não é*, e como é forçoso que não exista; desse te digo que é trilho que se não pode percorrer. Pois não poderás conhecer o *que não é* – não é possível – nem declará-lo (...).»

Fig. 2, in *Héllade*, Coimbra, F.L.U.C., 1971, p. 129

GÓRGIAS, Platão

«Sócrates – Deste modo, o orador, nos tribunais e nas outras assembleias, não instrui sobre o justo e o injusto, limita-se a fazer que os outros creiam. A verdade é que ele não poderia, em pouco tempo, instruir tanta gente sobre matérias tão complexas.»

455a, Lisboa, Edições 70, 1992, p. 40

FÉDON, Platão

«(...) Sócrates. – (...) Se a alma tem, efectivamente, uma existência anterior; se, quando inicia a vida e nasce, é por força a partir da morte e do que está morto que ela nasce – como não admitir que exista para além da morte, se justamente tem de voltar a nascer?»

77c-d, Coimbra, Livraria Minerva, 1988, p. 74

V.S.F.F.

114/3

CATEGORIAS, Aristóteles

«Há por fim outras que não são, nem em um sujeito, nem predicadas de qualquer sujeito, por exemplo, este homem, este cavalo, pois nenhuma destas coisas se acha em um sujeito, nem pode ser predicada a um sujeito. Falando de um modo geral, nunca podemos predicar do sujeito aquilo que em sua natureza é individual e numericamente uno, embora em alguns casos nada impeça a sua presença em um sujeito, pois que, por exemplo, um certo saber gramatical é em um sujeito, mas não é afirmável de nenhum sujeito.»

1b 3-8, in *Organon*, Lisboa, Guimarães Editores, 1985, p. 45.

PRINCÍPIOS DA FILOSOFIA, Descartes

«Contudo, quando o pensamento, que a si mesmo se conhece desta maneira, embora persista em duvidar das outras coisas, usa de circunspecção para tentar levar o seu conhecimento mais além, encontra em si, inicialmente, as ideias de várias coisas; e enquanto as contempla simplesmente e não confirma que haja alguma coisa fora de si semelhante às ideias, e que também não o negue, está livre do perigo de se iludir.»

Lisboa, Guimarães Editores, 1989, p. 63

CARTA SOBRE A TOLERÂNCIA, Locke

«Mas, o que é fulcral e põe fim à discussão, ainda que a opinião do magistrado seja mais importante e o caminho que me manda seguir seja o verdadeiro caminho evangélico, se eu, no fundo do coração, não estiver persuadido, não será para mim um caminho salutar. Nenhum caminho que eu siga contra a minha consciência me conduzirá alguma vez à morada dos bem-aventurados.»

Lisboa, Edições 70, 1987, p. 105

DISCURSO DE METAFÍSICA, Leibniz

«Assim, essas expressões que estão na nossa alma, quer se concebam ou não, podem chamar-se *ideias*; mas, as que se concebem ou formam, podem chamar-se *noções*, *conceitos*. Seja qual for, porém, o sentido que se lhe der, é sempre falso dizer que todas as noções nos vêm dos sentidos chamados exteriores, pois as que tenho de mim e dos meus pensamentos e, por consequência, do ser, da substância, da acção, da identidade e de muitas outras, vêm de uma experiência interna.»

Lisboa, Edições 70, 1995, p. 67

FUNDAMENTAÇÃO DA METAFÍSICA DOS COSTUMES, Kant

«Em contraposição, a possibilidade do imperativo da *moralidade* é sem dúvida a única questão que requer solução, pois que este imperativo não é nada hipotético e portanto a necessidade objectiva que nos apresenta não se pode apoiar em nenhum pressuposto, como nos imperativos hipotéticos. Aqui, porém, é preciso não perder de vista que não se pode demonstrar *por nenhum exemplo*, isto é empiricamente, se há por toda a parte um tal imperativo; mas há a recear que todos os que parecem categóricos possam afinal ser disfarçadamente hipotéticos.»

BA 48, Lisboa, Edições 70, 1995, p. 56

GRUPO III

Desenvolva um dos temas abaixo indicados, baseando-se na obra da **Época Medieval** ou da **Época Contemporânea** que estudou.

TEMAS

- A. Valor do conhecimento racional
- B. A palavra e o ser
- C. Aparência e realidade

Na sua resposta deverá:

- indicar o tema que vai desenvolver;
- identificar a obra a que se vai referir, indicando o título e o autor;
- apresentar um plano organizador;
- expor o modo como o tema é tratado na obra que escolheu;
- posicionar-se de uma forma crítica/problematizadora perante o tratamento que lhe foi dado pelo autor;
- utilizar aproximadamente 80 linhas (cerca de 640 palavras).

FIM

COTAÇÕES

GRUPO I	50 pontos
GRUPO II	70 pontos
GRUPO III	80 pontos
TOTAL	200 pontos

V.S.F.F.

114/5

CRITÉRIOS DE CLASSIFICAÇÃO E COTAÇÕES

A indicação do número de linhas/palavras tem um carácter orientador do grau de desenvolvimento da resposta.

GRUPO I

CRITÉRIOS DE CLASSIFICAÇÃO:

- A sua resposta será classificada atendendo aos seguintes aspectos:
 - rigor da análise do texto;
 - coerência lógica do discurso;
 - utilização precisa da terminologia filosófica;
 - correcção da expressão escrita.
- A mera transcrição de frases do texto implicará uma pontuação de 0 (zero) pontos.
- A inadequação da sua resposta à questão formulada implicará uma pontuação de 0 (zero) pontos.

COTAÇÃO: 50 pontos.

GRUPO II

CRITÉRIOS DE CLASSIFICAÇÃO:

- A sua resposta será classificada atendendo aos seguintes aspectos:
 - rigor da análise do texto;
 - mobilização adequada do conhecimento da obra;
 - coerência lógica do discurso;
 - utilização precisa da terminologia filosófica;
 - correcção da expressão escrita.
- A não manifestação de conhecimento da obra implicará uma pontuação de 0 (zero) pontos.
- A inadequação da sua resposta à questão formulada implicará uma pontuação de 0 (zero) pontos.

COTAÇÃO: 70 pontos.

GRUPO III

CRITÉRIOS DE CLASSIFICAÇÃO:

- A sua resposta será classificada atendendo aos seguintes aspectos:
 - apresentação do plano organizador;
 - adequação do desenvolvimento ao plano;
 - pertinência da selecção de conhecimentos da obra para o tratamento do tema;
 - posicionamento crítico/problematizador;
 - coerência lógica do discurso;
 - utilização precisa da terminologia filosófica;
 - correcção da expressão escrita.
- A não identificação do tema e da obra implicará uma pontuação de 0 (zero) pontos.
- A escolha de uma obra de época diferente das indicadas na questão, ou não prevista no programa da disciplina, implicará uma pontuação de 0 (zero) pontos.
- A inadequação da sua resposta à questão formulada implicará uma pontuação de 0 (zero) pontos.

COTAÇÃO: 80 pontos.